

# A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS PARA O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Débora da Cruz Zaidan Pereira<sup>1</sup>

Sônia Cupertino de Jesus<sup>2</sup>

## Resumo

Percebe-se que, mesmo com o amparo da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 que, expõe a Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda, ainda é preciso muito esforço para que o profissional da Educação Física possa estar factualmente inserido no contexto inclusivo. Acredita-se que a comunicação com o aluno Surdo, tanto no ambiente escolar como Fitness poderá ficar bastante comprometida e precária se o profissional da Educação Física não se esforçar para cultivar habilidades relacionadas com o ensino e aprendizagem da Libras. Objetiva-se com este artigo lançar um breve olhar sobre a Língua Brasileira de Sinais e o profissional da Educação Física. Investiga-se a questão: Qual a importância da Libras para o Educador Físico na inclusão escolar, *Fitness* e social dos indivíduos Surdos. O artigo enfoca a utilização da Língua Brasileira de Sinais como ferramenta eficaz para que o profissional da Educação Física evite a segregação e proporcione, de fato, a inclusão do aluno Surdo, bem como explicitar o respeito à diversidade, tratado pela Lei de Diretrizes e Bases. Como metodologia, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica referente aos autores: Almeida (2015), Alves (2013), Dalpiaz (2009), Felipe (2009), Honora (2006), Goldfeld (2002), SEESP (2004 e 2005) dentre outros, bem como, consulta à sites relacionados com a pesquisa.

**Palavras-chave:** Educador Físico; Escola; *Fitness*; Inclusão; Libras

---

<sup>1</sup>Débora Da Cruz Zaidan Pereira. Acadêmica do Curso de Educação Física da Universidade Salgado de Oliveira. Juiz de Fora, MG, 2017. <sup>2</sup>Sônia Cupertino de Jesus. Mestre em Letras e docente no Curso de Educação Física da Universidade Salgado de Oliveira, Juiz de Fora, MG, 2017.

## 1 Introdução

Evidencia-se, com este artigo, a importância da Libras – Língua Brasileira de Sinais - como uma ferramenta para o profissional da Educação Física estabelecer uma boa comunicação com os deficientes auditivos ou Surdos<sup>1</sup>, visto que possuem uma cultura própria baseada na perspectiva dos ouvintes, com expressões, pensamentos, gostos característicos inerentes a todos os humanos, porém com uma comunicação gesto-visual através das mãos e expressão facial e corporal

Sendo assim, faz-se necessário, então, conhecer alguns detalhes que envolvem a Lei 10.436/02, bem como, lançar um breve olhar sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais para o profissional da Educação Física na inclusão escolar, Fitness e social dos Surdos

Dentro deste cenário inclusivo, evidenciam-se práticas pedagógicas diferenciadas como lúdico, o imaginário, os jogos ou o prazer de interagir com atividades físicas que estimulam o cognitivo, facilitam o ensino/aprendizagem e que os surdos têm direitos iguais a qualquer outro indivíduo, garantidos na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de número 9.394/96.

Na antiguidade a surdez era confundida com uma inferioridade de inteligência. Sabe-se que a ausência da linguagem influi profundamente no desenvolvimento psicosocial do indivíduo, porém o surdo pode aprender a se comunicar utilizando a língua dos sinais e ou a própria língua falada através da leitura labial.

Diante desta realidade, é primordial que o profissional de Educação Física desenvolva o interesse em aprender a Libras para direcionar as aulas de forma produtiva para todos os alunos.

---

<sup>1</sup>A palavra Surdo ( a) vem grafada com “S” maiúsculo quando indicar que se trata de pessoas deficientes auditivas que lutam por seus direitos políticos, linguísticos e culturais.

## **2 Metodologia**

Fachin (2006) afirma que “a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de qualquer tipo de trabalho científico”.

Considera-se que o conhecimento humano ora está a serviço da teoria ora da prática, assim o pontilhar entre Educação Física e Língua Brasileira de Sinais é um caminho significativo e de amplo alcance para a formação do Educador Físico tanto no ambiente *Fitness* como no Educacional.

Entende-se que, de uma forma generalizada, a pesquisa bibliográfica é um conjunto de conhecimentos que permeiam várias obras de todas as áreas com a finalidade de conduzir o leitor por este caminho, bem como proporcionar saberes diversos.

Assim, como metodologia para este artigo, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica, envolvendo os trabalhos de Felipe (2009), Honora (2006), SEESP (2004 e 2005) dentre outros pesquisadores, práticas acadêmicas vivenciadas, bem como, consultas a sites relacionados com o estudo.

## **3 A importância da libras para o profissional da Educação Física**

Observa-se que cada vez mais a Educação Física vem se consolidando como elemento indispensável durante o período de formação escolar, visto que o aluno está em processo de desenvolvimento da cognição e capacidades motoras e no contexto *Fitness* muitos desconhecem o corpo e suas habilidades, faz-se necessário que o profissional da Educação Física ajude-os na manutenção do equilíbrio corporal.

Sá (2001, p.151) explica “desconhecer como realizar a tarefa ou apenas saber fazê-la parcialmente, em face da totalidade do exigível para a eficácia, é conduta que fere os preceitos da doutrina da moral (ética)”.

De fato, deve-se considerar a Língua de Sinais como um instrumento eficaz na prática pedagógica com o aluno surdo, por propiciar um aprendizado mais significativo para ele, principalmente considerando os seus direitos comunicativos no contexto inclusivo (FELIPE, 2009).

Sendo assim, o profissional da Educação Física poderá desenvolver uma comunicação inclusiva através da Língua Brasileira de Sinais, cultivar habilidades para ajudar o aluno com Surdez, proporcionando um atendimento com qualidade e eficácia no ambiente escolar e ou Fitness.

### **3.1 Alguns saberes sobre a Língua Brasileira de Sinais**

A Lei 10.436/02 que explicita no Art. 1º “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”.

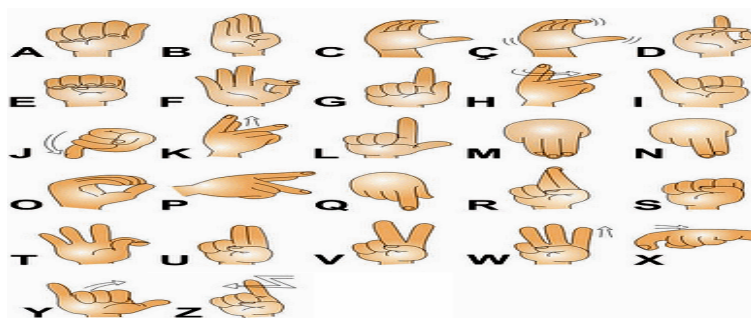
Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (LEI 10.436 de 24 de abril de 2002 – Parágrafo Único).

O decreto 5.626/05 explicita que a Libras deve ser disciplina oferecida em cursos de Licenciatura em todo o Brasil, incluindo o curso de Educação Física, com o objetivo de incluir os surdos nas escolas e ambientes *Fitness*.

De fato, às Línguas de Sinais são as línguas das comunidades surdas, não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias.

Atribui-se às Línguas de Sinais o status de língua porque elas também são compostas pelos níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas são denominados sinais nas línguas de sinais, como exemplo, o Alfabeto Manual / Datilológico.

Figura 1: Alfabeto Manual da Libras



Fonte: [csjonline.web.br.com/alfabeto.htm](http://csjonline.web.br.com/alfabeto.htm)

Conhecer esta cultura e aprender os sinais tem como objetivo assegurar a todos os surdos uma comunicação eficiente no ambiente educacional ou *Fitness*. Segundo Fernandes (2012, p. 81) “A regulamentação trouxe avanços para a cidadania bilíngue das pessoas Surdas, expandiu os domínios da língua de sinais para diferentes segmentos sociais”. No entanto, assim como o português a Libras não é universal e cada país tem a sua Língua de Sinais.

O profissional da Educação Física ao adotar a Língua brasileira de Sinais- Libras promoverá a inclusão destes alunos.

### 3.2 Algumas características da Surdez

SEESP/MEC explicita as diversas nuances da Surdez:

Audição normal - de 0 a 15 dB; Surdez leve - de 16 a 40 dB. Nesse caso a pessoa pode apresentar dificuldade para ouvir o som do tic-tac do relógio, ou mesmo uma conversação silenciosa (cochicho); Surdez moderada - de 41 a 55 dB. Com esse grau de perda auditiva a pessoa pode apresentar alguma dificuldade para ouvir uma voz fraca ou o canto de um pássaro; Surdez acentuada - de 56 a 70 dB.(SEESP/MEC,2005, p.16-17).

Assim, com esse grau de perda auditiva a pessoa poderá ter alguma dificuldade para ouvir uma conversação normal; continua:

Surdez severa - de 71 a 90 dB. Nesse caso a pessoa poderá ter dificuldades para ouvir o telefone tocando ou ruídos das máquinas de escrever num escritório; Surdez profunda - acima de 91 dB. Nesse caso a pessoa poderá ter dificuldade para ouvir o ruído de caminhão, de

discoteca, de uma máquina de serrar madeira ou, ainda, o ruído de um avião decolando (SEESP/MEC, 2005, p. 16-17).

A deficiência auditiva (DA) ainda pode ser classificada como unilateral, quando se apresenta em apenas um ouvido e bilateral, quando atinge ambos. (BRASIL, 2005).

Referindo-se as causas da surdez ( etiologia ). SEESP, 2005, p.15,16) define e explica:

- **Pré-natais:** surdez provocada por fatores genéticos hereditários, doenças adquiridas pela mãe na época da gestação( rubéola, toxoplasmose, citomegalovírus), e exposição da mãe a drogas ototóxicas(medicamentos que podem afetar a audição).
- **Peri-natais:** surdez provocada mais frequentemente por parto prematuro, anóxia cerebral (falta de oxigenação no cérebro logo após o nascimento) e trauma de parto (uso inadequado de fórceps, parto excessivamente rápido, parto demorado);
- **Pós-natais:** surdez provocada por doenças adquiridas pelo indivíduo ao longo da vida, como: meningite, caxumba, sarampo. Além do uso de medicamentos ototóxicos, outros fatores também têm relação com a surdez, como avanço da idade e acidentes.

Em Consequência desta deficiência a maior parte dos alunos surdos não participa do processo de integração social, gerando resultados negativos no desenvolvimento na comunicação.

Há relatos, que na antiguidade, pela falta de uma língua oral, os surdos eram tratados como subumanos, não sendo aceitos como seres humanos em sua plenitude. SANTANA E BERGAMO (2005).

Faz-se necessário que o profissional da Educação Física conheça esta deficiência e suas nuances, visto que o aluno com surdez aprende com percepção visual e com o aprendizado das duas línguas (Libras e Português), conseguem estar inseridos em diferentes contextos sociais (ALMEIDA et al, 2015).

### 3.3 Alguns aspectos da evolução histórica das Línguas de Sinais

Honora (2009) faz uma explanação dos aspectos históricos em seu livro *Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais*, dentre eles:

**1855** – Primeira iniciativa de educação de surdos quando o professor francês surdo Ernest Huet, a convite de D. Pedro II, veio ao Brasil e preparou um programa que consistia em usar o alfabeto manual e a Língua de Sinais da França.[...]. Solicitou então ao imperador D. Pedro II um prédio para fundar uma escola.

**1864** – Edward Gallaudet fundou a primeira faculdade para Surdos, localizada em Washington;

**1878** – Aconteceu o I Congresso Internacional de Surdos-mudos, instituindo que o melhor método para educação dos surdos consistia na articulação com leitura labial e no uso de gestos nas séries iniciais. Esta determinação durou somente dois anos.

**1880** – Ocorreu o II Congresso Mundial de Surdos-Mudos[...] Foi recomendado que o melhor método seria o oral puro, abolindo oficialmente o uso da língua de Sinais da educação dos Surdos.

**1911** - O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) passou a seguir a tendência mundial, utilizando o oralismo puro.

**1981** - Início das pesquisas sistematizadas sobre a Língua de Sinais no Brasil.(SEESP,2004)

**1987** - Criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), EM 16/05/87, sob a direção de surdos.

**1991** - A LIBRAS é reconhecida oficialmente pelo Governo do Estado de Minas Gerais (lei nº 10.397 de 10/1/91).

**2002** - É promulgada a lei 10.436 em 24 de abril, reconhecendo a Libras como língua oficial das comunidades surdas do Brasil, ainda em 2002 a óptica inclusiva começa ser estabelecida na formação dos cursos superiores, principalmente, de professores da educação básica com a Resolução CNE/CP nº 1/2002 que expõe a obrigação das instituições de ensino superior ajustar seus currículos para a promoção de conhecimentos que possibilitem os futuros docentes a compreensão sobre as diversidades e as especificidades de cada aluno.

O Conhecimento desta trajetória, bem como algumas características da surdez é o primeiro passo para iniciar um estudo mais aprofundado que prioriza a comunicação e exposição ao meio educacional e social, visto que a linguagem e a qualidade de interações interpessoais contribuem para o desenvolvimento cognitivo da criança surda (GOLDFELD, 2002 ).

Com o reconhecimento da Língua brasileira de Sinais os Surdos ganharam visibilidade no contexto educacional inclusivo.

### **3.4 Educação Física e a inclusão do aluno com surdez**

Os surdos precisam estar inseridos no contexto escolar regular, sempre lembrando que precisam de auxílio específico como todos os portadores de alguma deficiência.

O PCN, diz que o professor deve utilizar as diferenças existentes entre os alunos deficientes, em vez de simplesmente caracterizá-las como desigualdades e excluí-los, dando-lhes pleno acesso a todas as possibilidades existentes (DALPIAZ e DUARTE, 2009).

Todos os alunos devem receber ensinamentos para um desenvolvimento social, cognitivo, psicológico e afetivo, pois como o ser humano é uma totalidade, seu desenvolvimento deve ser integral (ALVES, et al, 2013). Assim, com a inclusão, todos ganham autonomia para agir dentro do universo escolar e social.

Por isso, a capacitação dos professores se faz necessária, pois somente assim, o aluno descobrirá o mundo à sua volta e terá um pleno desenvolvimento.

É notório que os surdos desenvolvem outros sentidos, como por exemplo, a visão e este é um recurso que produz bons resultados na aprendizagem do deficiente auditivo e deve ser bem utilizado pelos educadores, inclusive o professor de Educação Física.

Além de ferramentas visuais tais como slides, vídeos ou fotos, dentre outros, o profissional Intérprete da língua de Sinais tem a função, exclusivamente, de mediador entre o professor e o aluno surdo, visto que todo o processo de ensino e aprendizagem permeiam a prática pedagógica do educador.

Almeida e Souza (2015) esclarece que alguns alunos surdos encontram dificuldades de comunicação com os professores em muitas disciplinas, mas que nas aulas de Educação Física o entendimento fica um pouco mais claro e a comunicação mais suave, visto que o Educador Físico, na maioria das vezes, faz demonstração dos exercícios solicitados.

Dentro deste contexto, o professor deve unir os interesses de todos e promover a inclusão do surdo de forma mais plena possível, inclusive orientando os alunos ouvintes em como agir com seu colega surdo, se possível aprender Libras.



Alguns alunos por perceberem que seus colegas e professores não sabem lidar com sua deficiência escondem as dificuldades para não ser apontado como diferente (Lacerda, 2006) e acabam recebendo um certificado, sem ter realmente sido inserido no contexto escolar adequadamente.

Uma educação inclusiva deve possuir modelos que incluam alunos com necessidades especiais e promovam um aprendizado sem barreiras (RODRIGUES, 2003).

Os desafios para vencer estas barreiras educativas são inúmeros, principalmente o desafio de uma comunicação inclusiva, mesmo quando há o amparo legal referente à Lei 10.436/02 que prioriza a Libras como meio de comunicação com o aluno surdo, não tem sido fácil para os educadores aprender esta nova língua para desenvolver um ensino com qualidade.

Percebe-se que com este objetivo, o curso de Educação Física da Universidade Salgado Filho, possibilitou que os discentes tivessem o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais e fossem estimulados a utilizá-la em seu ambiente escolar e ou Fitness.

#### **4 Conclusão**

Muitos avanços já ocorreram em relação à inclusão e à ampliação dos conhecimentos dos profissionais da Educação, inclusive o professor de Educação Física, na aprendizagem e no conhecimento da Libras.

Ainda nota-se, um despreparo da escola, da sociedade e dos professores quanto ao aluno Surdo.

Diante desta realidade, cabe aos profissionais do ensino fomentar esta discussão e provocar a abertura de novos caminhos educacionais, mais efetivos junto à comunidade surda em nossa volta.

A construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens está diretamente ligada ao conhecimento da cultura, da Língua Brasileira de Sinais e da aceitação do profissional intérprete de Libras, que tem o papel de mediar o entendimento dos conteúdos escolares com clareza e precisão.

A inclusão deve ser uma ação conjunta de toda a sociedade, deveria ser ensinado a todos como lidar com as pessoas com deficiência, visto que incluir não significa somente pessoas com surdez, mas a todos que realmente precisam de um olhar com atitudes inclusivas.

Na Educação Física escolar e em ambientes *Fitness*, as atividades devem ser integradoras e significativas contribuindo juntamente com as demais disciplinas para uma formação com qualidade e excelência.

Sendo assim, a inclusão não se faz apenas por adaptar metodologias nas aulas, mas em valorizar a diversidade cultural, estimular o convívio entre alunos com e sem deficiências priorizando a construção de uma sociedade inclusiva.

Portanto, não é temerário afirmar a importância das aulas de Educação Física, bem como do Educador Físico, no universo da inclusão, visto que este conteúdo possui maior flexibilidade em seu planejamento e o fato destes professores serem mais “queridos” pelos alunos surdos, permite uma participação ativa e o resultado de todo este esforço é uma aprendizagem satisfatória.

## Referências

ALFABETO MANUAL DOS SURDOS. Disponível em: <http://www.eafmuz.gov.br/modules/noticias/documentos/alfabetomanualsurdos.pdf>  
Acesso em: 20 set. 2017.

ALMEIDA, Luiz Gustavo Silva De Almeida, SOUZA, Fernando Gomes. **Educação Física no Contexto Escolar para Alunos Surdos**. Revista Virtual de Cultura Surda, 2015.

ALVES, Tássia Pereira Alves, SALES, Zenilda Nogueira Sales, MOREIRA, Ramon Missias, DUARTE, Leonardo de Carvalho, COUTO, Edvaldo Souza Couto. **Inclusão de alunos com surdez na educação física escolar**. São Carlos: Revista Eletrônica de Educação, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial: Saberes e práticas da inclusão**. Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos. Brasília: SEESP/MEC 2005.

BRASIL. Lei 10.436, DE 24 de abril 2002. Dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** e dá outras providências. Presidência da República. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**, Ministério da Educação e Cultura. Brasília, DF, 20 dez. 1996.

CHICON, José Francisco. **Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar**. Rio Grande do Sul: Revista Movimento, 2008.

DALPIAZ, Gisele Santos, DUARTE, Marcelo Gonçalves. **Apontamentos sobre aulas de Educação Física adaptadas para surdos**. Buenos Aires: Revista Digital

**Efdesportes, 2009.** Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd134/aulas-de-educacao-fisica-adaptadas-para-surdos.htm>

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2009. 6ª. Edição.

GOLFELD, Márcia. **A criança surda.** Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 2002.

HONORA, Márcia. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

LACERDA, CRISTINA BROGLIA FEITOSA. **A inclusão escolar de alunos surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Campinas: Caderno Cedes, 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

RODRIGUES, David. **A Educação Física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas.** Maringá: Revista da Educação Física UEM, 2003.

SANTANA, A.P.; Bergamo, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.25, n.91, p. 565-582, 2005.

SEESP/MEC – Programa Nacional de apoio à educação dos surdos. **O tradutor e intérprete da língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília: 2004.